

Literatura Infantil e Educação Sexual

Maria José Alves Veiga*

RESUMO

O propósito deste artigo é contribuir para a reflexão sobre a implementação das políticas no âmbito da educação sexual no meio escolar, alargadas aos vários ciclos de ensino no ano lectivo de 2009/2010. Paralelamente, far-se-á uma análise de um livro infantil da autoria de Per Holm Knudsen, originalmente intitulado *Sadân Får Man et Barn (Como Se Fazem os Bebés)*, de 1971, cuja comercialização, surpreendentemente, apareceu no mercado livreiro em Portugal em 1972, embora se considere malogradamente desaparecido das estantes das livrarias ou das referências *online*. No espaço de debate que se abre terá lugar a discussão sobre a (in)existência de literatura infantil especificamente vocacionada para a educação sexual no cenário educativo português.

Palavras-chave: educação sexual, literatura infantil, políticas educativas em Portugal.

ABSTRACT

The main purpose of this article is to make a contribution to the reflection on educational policies that are being implemented in the Portuguese national curriculum (2009/2010). Furthermore, an analysis of a book for children, *Sadân Får Man et Barn (How a Baby is Made)*, will be conducted in order to relate to the scarcity of children's books that deal with sexual education in Portugal. Although *How a Baby is Made* was first published in 1971, it has amazingly reached the Portuguese editorial market in 1972, nevertheless, it has disappeared from both bookshops and online references since then. Actually, children's books that openly approach sexual relations are extremely rare in this country.

Keywords: sexual education; children's literature; educational policies in Portugal.

0. Literatura infantil e Educação Sexual – Enquadramento

Uma das questões que frequentemente ocupa pais e educadores é a da selecção da conjuntura adequada à sensibilização das crianças para se proceder à abordagem de temáticas directamente conexas com a sexualidade. De uma forma geral, opta-se pela procrastinação de tal iniciativa e são as próprias crianças, com a frontalidade que as caracteriza, a tomar de assalto o assunto.

Posto isto, torna-se imperioso averiguar: quantos livros infanto-juvenis existem em Portugal vocacionados para o tratamento das temáticas relativas à educação sexual? No actual panorama literário português, que histórias reais ou fictícias existem que permitam a pais e/ou educadores a sua utilização, de modo a explicar às suas crianças a sexualidade, uma das vertentes mais sensíveis da vida humana?

Em consonância com Relatório¹ da autoria do Grupo de Trabalho de Educação Sexual – Subcomissão para Avaliação de Manuais –, quase todo o material bibliográfico (43 livros/manuais (Diniz *et al.*, 2007: 7)) consultado e avaliado é de origem estrangeira.

* Investigadora do Centro de Investigação do Departamento de Línguas e Culturas da Universidade de Aveiro; mveiga@ua.pt.

¹ Vide http://www.min-edu.pt/np3content/?newsId=298&fileName=relatorio_manuais_gtes.pdf.

Significa isto que as poucas obras existentes no âmbito da educação sexual, e propostas para a consulta dos alunos dos vários ciclos de ensino, são provenientes do estrangeiro, chegando ao mercado português através da sua tradução.

Portugal é um dos 43 membros da SHE² (Schools for Health in Europe), uma plataforma europeia, cujo objectivo primeiro servirá a Promoção da Saúde na Escola. Em Portugal, foi estabelecido um protocolo entre dois Ministérios, o da Saúde e o da Educação, que visa promover a saúde nas escolas. Para além de áreas que versam sobre a alimentação e a actividade física; o consumo de substâncias psico-activas e a violência no meio escolar, os Agrupamentos/Escolas deverão incluir no seu Projecto Educativo de Escola, outros dois campos prioritários: o da sexualidade e o das infeções sexualmente transmissíveis³. Após inúmeras polémicas acerca da leccionação de temáticas atinentes à sexualidade no quadro dos Ensinos Básico e Secundário, no início do ano lectivo de 2009/2010, o cenário educativo português alargou o seu plano de acção ao recomendar que se venha a concretizar a aplicação da Educação Sexual em meio escolar, em conformidade com o consignado na [Lei n.º 60/2009, de 6 de Agosto](#)⁴.

Em traços largos, na Circular nº I-DGIDC/2009/1176/NESASE (de 1 de Setembro de 2009), a Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular prevê que em cada Escola/Agrupamento haja um professor coordenador da educação sexual (o mesmo que coordena a educação para a saúde) que trabalhe com uma equipa pluridisciplinar e integre no Projecto Curricular de Turma um projecto de educação sexual, tendo sempre em mira a articulação de conteúdos transdisciplinares.

Cabe agora perguntar: será o tempo mínimo estabelecido – seis horas para o 1º e 2º Ciclos do Ensino Básico (CEB) e doze horas para o 3º CEB e Ensino Secundário – suficiente para se proceder, de um modo seguro e informado, à abordagem de matérias tão delicadas como a sexualidade humana?; que tipo de formação-base deveriam ter todos aqueles que serão os verdadeiros mediadores/gestores da educação sexual no meio escolar?; as escolas foram munidas de materiais que permitam abordar a questão da sexualidade fora das aulas de ciências, *i.e.*, nas áreas curriculares disciplinares e não disciplinares?; por que motivo não é o ensino Pré-escolar abrangido por esta política educativa?;...

Repescando a última pergunta, remanesce a conjectura acerca de quanto mais tempo andarão os portugueses sem um acesso imediato ao livro infantil que, há já algumas décadas, responde noutros países à incontornável indagação infantil sobre o seu próprio nascimento.

² Informação retirada do sítio do Ministério da Educação: <http://www.minedu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A/sitio.dgicd.min-edu.pt/saude/Paginas/default.aspx>.

Mais detalhes sobre esta matéria poderão ser consultados através do sítio: <http://www.schoolsforhealth.eu/index.cfm>, nomeadamente a *Resolução de Vilnius*, produto final da 3ª Conferência Europeia – «**Better Schools through Health**» – sobre Escolas Promotoras da Saúde (15 e 17 de Junho de 2009, em Vilnius, na Lituânia). Genericamente, esta entidade autodescreve-se do seguinte modo: «The SHE network uses a positive concept of health and well-being and acknowledges the UN [United Nations] Convention on the Rights of the Child and the Council of Europe's European Convention on the Exercise of Children's Rights.»

³ Cf. Despacho do Secretário de Estado da Educação, de 27 de Setembro de 2009 (sobre os objectivos prioritários de política educativa: a adopção de medidas atinentes à promoção da saúde no meio escolar).

⁴ Consulte-se a circular da Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (a) – Circular nº I-DGIDC/2009/1176/NESASE, dirigida a Directores de Agrupamentos/Escolas, na sequência da publicação da Lei nº 60/2009, de 6 de Agosto, que estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar.

1. Como se fazem os bebês?

Quantos de nós não passaram já pela experiência de ter de responder a esta pergunta e, não raro, decorrente da resposta que tentamos dar, surgem outras em que a curiosidade infantil nos impele a pensar bem no modo como haveremos de apresentar as explicações: «...sim, mas como é que a sementinha do papá foi para o vaso da mamã?» Embora conte já quase quatro décadas de existência, descobri recentemente um livro infantil, no seu formato digital, que procura responder cabalmente às questões levantadas pelas crianças, com o rigor e com a seriedade que o tratamento do tema impõe.

Na verdade, o livro infantil aqui aludido é de um autor dinamarquês, Per Holm Knudsen, originalmente intitulado *Sadân Får Man et Barn*, e foi dado à estampa em 1971⁵. Em Portugal a sua publicação teve lugar no ano de 1972⁶, com o título *Como Nascem os Bebês*. Por um lado, esta data suscitou espanto, pois ainda se vivia em Portugal sob o jugo inexorável do «lápiz azul», e, por outro lado, proporcionou uma oportunidade para indagar acerca do paradeiro desta obra, cuja reposição no mercado desde aquela data foi impossível de apurar. Ao contrário de toda a informação que pesquisei acerca da versão original do livro, a ficha técnica da sua versão portuguesa aponta o ano de 1972 como a data da primeira edição dinamarquesa. Ora, este dado coloca Portugal na vanguarda da publicação desta obra relativamente a países como os Estados Unidos da América ou o Reino Unido, que viram as versões do livro publicadas em 1973 e em 1975, respectivamente. Outrossim, o número de exemplares – 5000 – desta edição é igualmente surpreendente, tendo em linha de conta a conjuntura político-cultural e económica que se vivia em Portugal.

Igualmente impossível foi a tarefa de averiguar-se a tradução realizada em português, por João Paulo Castelo Branco, teria sido realizada a partir do original dinamarquês ou de outras versões traduzidas. Seja como for, e não obstante a universalidade das ilustrações do livro, contemporaneamente a mensagem escrita nele veiculada poderá ser apreendida pelo leitor comum a partir da sua tradução nas línguas inglesa e castelhana, encontradas em vários sítios na *internet*⁷. É justamente sobre essas versões que a proposta de tradução vai incidir, distando-se, por vezes, da da edição portuguesa de 1972 por motivos diversos, a saber: o desconhecimento da língua-fonte em que o tradutor se baseou, a existência de um texto mais longo, portanto com mais conteúdo, focando alguns aspectos que nem sequer são ventilados nas versões inglesa ou castelhana.

⁵ Contrariamente à informação vulgarmente difundida por alguns *blogs* e constante do sítio <http://www.planetdan.net/pics/babies/index.htm>, a obra original não é alemã, mas dinamarquesa. Também a única edição portuguesa de que há memória referencia deste modo o ano em que foi dada pela primeira vez à estampa: «Primeira edição dinamarquesa por BORGENS FORLAG A/S 1972», contraditando todas as indicações que são fornecidas na *internet* acerca da primeira edição do livro na Dinamarca no ano de 1971.

⁶ Deixo expresso o meu mais sincero agradecimento à professora Graça Rodrigues por me ter facultado o acesso à versão do livro em língua portuguesa – KNUDSEN, Per Holm (1972) (1ª ed. – 1971). *Como Nascem os Bebês* (trad.: João Paulo Castelo Branco). Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes.

⁷ Recorri a traduções efectuadas a partir de três outras, de autoria desconhecida, existentes nos sítios: <http://www.malaysianbabes.net/forum/index.php?showtopic=4713>, <http://criarhoy.blogspot.com/2008/12/cmo-se-hacem-los-nios-en-un-cuento.html> e <http://jezebel.com/5300095/70s-european-childrens-book-depicts-penetration-crowning/gallery/>. A maior parte das traduções existentes na *Internet* encontra-se incompleta, já que também as imagens do livro não são expostas na íntegra. Apenas 14 das 23 páginas se encontram disponíveis, pelo que, inevitavelmente, a tradução se reporta àquele número de páginas. Porém, textual e imageticamente falando (faltando, ainda assim, algumas imagens), o sítio que contém a versão mais completa é o último a que se fez referência, que contém uma das versões em língua inglesa, cujo título é *How a Baby is Made*.

2. *Como Se Fazem os Bebés* – uma proposta de tradução

Antes de mais, convém sublinhar algumas anotações de ressalva que me parecem determinantes na produção de uma tradução desta natureza: idealmente, todo o trabalho tradutológico deverá ser realizado a partir da língua de origem, porém, e dado não dominar qualquer língua escandinava, nomeadamente o dinamarquês, esta constitui-se como uma situação tradutiva excepcional, pelo que a proposta de tradução deste livro infantil transcorre das traduções consultadas em várias línguas e das várias versões do mesmo livro que estão disponíveis *on-line*. A tradução que em seguida se sugere será realizada a partir do texto em inglês britânico, por se tratar da versão mais completa que encontrei disponível⁸. Procedeu-se ainda à manutenção dos vocábulos a negrito que se encontravam no texto de partida. Será, de igual modo, pertinente referir que em nenhuma das versões consultadas se conseguiu obter qualquer informação relativa à faixa etária dos destinatários desta história infantil. Tal informação é analogamente inexistente na versão de João Paulo Castelo Branco⁹.

Um outro aspecto digno de nota é o facto de, na esfera da língua inglesa, este livro infantil ter sido traduzido de duas formas distintas: uma em inglês britânico – *How a Baby is Made* – e outra em inglês norte-americano – *The True Story of How Babies Are Made*. Nunca perdendo de vista que a sugestão do texto traduzido que se apresenta só se completará com as ilustrações (não será de mais insistir que se trata apenas de uma proposta de tradução do texto infantil), que aqui se encontram numeradas por uma questão organizacional.

Título: *Como Se Fazem os Bebés*

Imagem 1 – (capa) *Como Se Fazem os Bebés*

Imagem 2 – Aqui está um **bebé**. Sabes como veio ao mundo?

Imagem 3 – Aqui estão a **mãe** e o **pai** do bebé. Eles amam-se muito. Ajudaram-se um ao outro para terem um bebé.

Imagem 4 – Quando os pais estão nus, podes ver que a mãe tem uma abertura entre as pernas que se chama **vagina**. O pai tem um **pénis** e **testículos** entre as suas pernas.

Imagem 5 – O pai e a mãe amam-se muito, muito e querem estar muito juntos. Às vezes, quando o pai se sente especialmente amoroso, o seu pénis cresce.

Imagem 6 – Então, para mostrar o seu amor, o pai coloca o seu pénis dentro da vagina da mãe. O pai e a mãe ficam muito abraçados e mexem-se muito felizes. Estão a **fazer amor**, ou, a ter **relações sexuais**.

⁸ Cf. a versão constante do sítio: <http://jezebel.com/5300095/70s-european-childrens-book-depicts-penetration-crowning/gallery/>. Obviamente, por uma questão de respeito relativamente aos direitos de autor, optou-se por não anexar qualquer imagem que este livro infantil integra.

⁹ Torna-se improrrogável sublinhar que a apresentação da versão traduzida por João Paulo Castelo Branco não será aqui transcrita devido a não ter conseguido contactar o autor para obter permissão para tal. Sob o ponto de vista da Pragmática linguística, considero ainda que o seu trabalho de tradução obedece ao espírito do texto em análise.

- Imagem 7 – Se um espermatozóide se juntar ao óvulo, poderão transformar-se num bebé e crescer dentro do útero da mãe. Mas o pai e a mãe ainda não sabem se isto já aconteceu.
- Imagem 8 – Às vezes, o pai e a mãe descobrem que vão ter um bebé, algumas semanas depois de terem feito amor. Ficam muito, muito felizes por isso.
- Imagem 9 – No começo, o pequeno óvulo parece-se mais com um girino do que com um bebé. O óvulo está muito bem preso ao **útero** da mãe através do **cordão umbilical**. É por meio deste cordão umbilical que o bebé obtém a sua comida, crescendo até ser suficientemente grande e forte para nascer.
- Imagem 10 – A **cabeça**, os **braços** e as **pernas** do bebé crescem, e a cauda que vê na imagem desaparece.
- Imagem 11 – À medida que o bebé cresce, também a barriga da mãe aumenta. Durante todos os meses em que isto acontece, o pai fica muito orgulhoso pela mãe. O pai e a mãe ficam muito contentes ao sentirem os primeiros movimentos do bebé dentro da barriga da mãe e vão contando os dias até o bebé nascer.
- Imagem 12 – Agora o bebé já tem **olhos** e **orelhas** e continua a crescer.
- Imagem 13 – Passaram-se muitos, muitos dias. E agora já lá vão quase **nove meses** desde que o espermatozóide e o óvulo da mãe se juntaram para fazer um bebé.
- Imagem 14 – Um dia a mãe diz ao pai que tem a certeza de que o bebé está pronto para nascer.
- Imagem 15 – Alguns bebés nascem em **casa**, mas muitos outros nascem no **hospital**. Aqui o médico pode ajudar mais facilmente o bebé a sair da barriga da mãe.
O pai e a mãe estão a viajar de carro em direcção à **maternidade** do hospital.
- Imagem 16 – A mãe deita-se numa cama na maternidade. O médico ajuda-a a ter o bebé. Por vezes, o pai gosta de fazer companhia à mãe para ver o bebé assim que nascer.
- Imagem 17 – A **cabeça** do bebé sai primeiro. Depois, o corpo da mãe alarga-se para permitir a saída do bebé.
- Imagem 18 – A seguir, saem os **braços** do bebé.
Quando o bebé já se encontra cá fora, o médico corta o cordão umbilical, que levava a comida ao bebé, pois já não é necessário.
- Imagem 19 – A mãe segura o bebé. A mãe e o pai estão muito orgulhosos e felizes.
- Imagem 20 – A mãe e o bebé ficam no hospital para se conhecerem melhor. Depois vem o pai muito feliz para levar os dois para casa. O bebé mama o leite da mama da mãe.
- Imagem 21 – O pai e a mãe estão muito felizes porque agora são uma família. Os amigos e as famílias do pai e da mãe também estão muito felizes e visitam o recém-nascido.
- Imagem 22 – Esta é a história verdadeira de como se fazem os bebés.
- [Imagem 23 – contracapa sem legenda]

3. A construção técnico-discursiva de *Como Se Fazem os Bebés*

Distanciando-se um pouco do cânone genológico da literatura infantil, *Como Se Fazem os Bebés* é uma obra que não nos coloca perante um mundo surreal, fabuloso, maravilhoso, nem tão-pouco fantástico. Aqui, as fórmulas tradicionais de abertura de uma história infantil «Era uma vez...» ou «Há muito, muito tempo...», que remetem para um contexto metaempírico, absolutamente inverosímil, são imediatamente comutadas pela instituição de uma realidade cognoscível, plausível, com a qual a criança facilmente se identificará, não só no plano da história contada, mas também enquanto destinatário extratextual explícito: «[A]qui está um bebé. Sabes como veio ao mundo?» (cf. Imagem 2).

Efectivamente, a especulação existencial, com que a história inicia, não instigará a criança a passar para o outro lado do espelho. O universo onde a criança se moverá será bem próximo daquele que conhece quotidianamente, junto dos adultos com quem (con)vive.

Circunscrita à realidade experiencial da criança, a construção discursiva a que se assiste, corroborada pelas imagens que ajudam a edificar o seu sentido, exhibe uma linguagem denotativa, destituída de qualquer valor metafórico, não exigindo qualquer investimento nos valores fónico-rítmicos, nem sequer a decifração de códigos mitológicos ou simbólicos a que a grande maioria das propostas de literatura infantil nos vem habituando. Despida de recursos retóricos, os procedimentos técnico-discursivos perseguidos ao longo da diegese concorrem para a clara manutenção das intenções didáctica e utilitária subjacentes à história: o desenvolvimento activo de uma educação sexual infantil. Daí que não seja surpreendente o uso de um discurso neutro, autorizado, que se consubstancia no frequente recurso a terminologia específica de índole técnico-científica – *útero, testículos, pénis, vagina* –, não admitindo qualquer jogo de palavras ou sentido conotativo. Nesta perspectiva, a linguagem desta história infantil aproxima-se da legenda que poderia acompanhar uma imagem de cariz científico. A corroborar esta ideia, pode salientar-se a inexistência do grau diminutivo das classes dos nomes ou dos adjectivos. Na verdade, o bebé nunca é referido como «bebezinho/ito», nem as partes do seu corpo são mencionadas como «cabecinha/ita», «bracinhos/itos»,¹⁰ etc. Todos os intervenientes (pai, mãe,...), bem como todos os objectos ou sentimentos retratados são expressos numa linguagem rigorosa e com valor puramente denotativo, acercando-se da exactidão requerida pelo texto científico.

Ao invés das incontáveis histórias infantis que nos dão conta das provações a que um herói se submete para chegar ao patamar que lhe trará felicidade, no contexto desta história, a criança, por meio de uma analepse, toma conhecimento do modo real como a sua existência no mundo se processou, não havendo espaço para deambulações pelo mundo imaginário – tudo é chamado pelos nomes, não há segredos que os adultos possam ocultar ou adiar. Toda a informação verbo-imagética é posta a nu – literalmente.

Uma outra leitura que poderá derivar desta história é justamente a questão nocional de «felicidade». Com efeito, a reiteração desta ideia está marcada pelo uso

¹⁰ Contudo, na versão traduzida de João Paulo Castelo Branco (1972) encontram-se alguns diminutivos: «maminhas [...] bolsinha» (imagem 3), «ovinho» (imagem 6). Uma outra diferença detectada nesta versão é a presença do discurso directo: «Já sinto o útero a contrair-se [...] Agora estou quase a ter o bebé; vai ser muito emocionante.» (imagem 15), quando todas as versões em inglês ou em castelhano não veiculam este tipo de discurso.

recorrente das palavras «feliz» e/ou «contente», flexionadas, de acordo com o contexto em que se encontram a pontuar a diegese. Aliás, as legendas das imagens 6, 8, 11, 19, 20, 21 são bem demonstrativas do que se acaba de afirmar: desde o período antes da concepção do bebé, atravessando a fase em que este é concebido pelos progenitores até ao seu nascimento e regresso a casa, a criança tem uma descrição, subtil mas patente, da felicidade que um bebé traz quando vem ao mundo.

4. A construção das ilustrações de *Como Se Fazem os Bebés*

Per Holm Knudsen, autor de *Como Se Fazem os Bebés*, não só redigiu a história, como também a ilustrou. Tendo em conta que a coexistência dialógica da palavra e da imagem é marcante neste livro infantil, chegou o momento de dar espaço a algumas reflexões decorrentes da sua componente pictórica.

Numa primeira abordagem às ilustrações do livro, dir-se-ia que estas se aproximam dos desenhos infantis lineares para serem coloridos. Na generalidade, a linha¹¹ assume um papel preponderante face à cor. Portanto, pode afirmar-se que o desenho linear é preenchido com cor. Com efeito, Ramos e Lopes (2000: 135) asseveram que «(...) o registo gráfico que permite a leitura perceptiva dos objectos é a *linha-contorno*». Mais adiante, propugnam os autores que «[A] *linha-contorno* é ainda valorizada pelo uso da cor como preenchimento das superfícies por ela definida» (p. 135).

Todavia, nesta história, o valor da cor é reduzido, tornando parcas as suas qualidades iconográficas ou simbólicas. Tais propriedades só emergem pela utilização complementar das linhas em forma de coração (como elemento decorativo na cama e no carro, imagens número 6 e 15, respectivamente), preenchidas a cor vermelha, repescando o protótipo do acto amoroso, marcando a presença da representatividade do sexo com as emoções, com os afectos. Aparentemente, a condição amorosa do casal quase equivale a um aspecto decorativo de todo o processo reprodutivo humano. Em suma, a cor usada nas ilustrações é nada mais do que uma complementaridade do que se quer representar, não determinando a mensagem gráfico-visual.

À semelhança daquilo que aconteceu com o uso da linguagem de pendor especificamente terminológico da área das ciências, também alguns dos desenhos (cf. imagens número 8, 9, 10, 11, 12 e 13) se aproximam daqueles encontrados frequentemente em livros de carácter científico, em que a representação dos objectos/seres é fornecida por imagens com um corte¹² segundo o campo de visão que melhor demonstra os objectos que são apresentados nas imagens taxonómicas. Neste sentido, a imagem científica procura

¹¹ Em relação ao uso da linha como meio de representação gráfico-visual, atentemos nas palavras de Baptista e Lopes (2005: 180): «[R]aramente encontramos linhas na natureza. Na maior parte das vezes apenas somos confrontados com planos, volumes, sombras ou cores. Deste modo, ao captarmos a realidade através da linha estamos a estabelecer um sistema, ou um processo, que opera através da interpretação dessa mesma realidade. A linha constitui o meio gráfico que permite ao operador construir em desenho uma transposição fiel da realidade. O observador é levado a crer na verosimilhança entre a situação desenho e a situação realidade.»

¹² No sítio <http://criarhoy.blogspot.com/2008/12/cmo-se-hacen-los-nios-en-un-cuento.html> encontra-se disponível uma imagem, a número 6, que a versão em análise omitiu. Penso que é relevante mencioná-la, já que nela está representada em corte a penetração do pénis no interior da vagina da mãe, enquanto os pais mantêm relações sexuais. Embora anatomicamente incorrecta, esta imagem é próxima de um desenho de Leonardo Da Vinci, catalogada como 16A (*Sezione Mediana Longitudinale di Figure in Posizione di Coito*) (vide Berti, 1979: 59-60).

sempre retratar o objecto na posição que melhor o poderá representar, ou seja, sob três pontos de vista: de cima, o frontal e o lateral. Estas três posições ortogonais são as mais comuns, pois é menos frequente os objectos aparecerem de acordo com as projecções perspécticas. Assim sendo, da imagem 8 à 13, a criança acompanha o desenvolvimento intra-uterino do bebé que vai nascer. Além disto, as imagens em corte, secundadas por uma transparência, assemelham-se ao levantamento de uma película, deixando antever o que se passa na barriga da mãe.

Ainda no que diz respeito à construção das imagens, existem, efectivamente, algumas semelhanças com a tipologia do desenho infantil, mas são-no na justa medida em que se assiste à apropriação do que poderá ser o que as crianças fazem dos objectos e da sua representatividade, *i.e.*, a criança representa, tal como as imagens de características científicas, o objecto na posição que melhor o descreve. Por esta razão, a figura humana é representada, maioritariamente, nas posições vertical e frontal, por outras palavras, ostentando os pés numa posição lateral, em analogia com as imagens da Antiguidade Egípcia. Quando a imagem representa as figuras frontalmente, os pés são representados na posição lateral (*cf.* imagens número 1, 3, 4, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 16, 17, 18, 19 e 20), visto que esta é a melhor posição para a criança identificar graficamente um pé.

5. Notas finais

Sob o ponto de vista formal, a literatura infantil deverá preencher alguns requisitos que conglobem os elementos do foro lúdico, pedagógico-didáctico e estético. Na história que tem vindo a ser o foco de análise ressalta, indubitavelmente, a componente pedagógico-didáctica, visto que se dá primazia ao desvelar do processo de como os seres humanos procriam e nascem. Todo este processo é cautelosamente apresentado às crianças sob forma verbo-icónica despretensiosa, franca e directa, almejando ser um subsídio válido e construtivo no seu desenvolvimento cognitivo e afectivo.

Perante a clareza das imagens e a isenção conotativa linguística, este livro poderá correr o risco de vir a ser facilmente identificado com as franjas do cânone da literatura infantil. Tudo menos marginal, este é um livro cujo alcance didáctico não é passível de ser subestimado. Pelo contrário, este livro é um ensinamento dirigido primordialmente às crianças e a nós adultos, pais, amigos, educadores e professores, que nos defrontamos quotidianamente com o papel de ter de construir referenciais atinentes aos relacionamentos afectivo-sexuais, contribuindo, deste modo, para a promoção da educação sexual na vida infanto-juvenil. Estranha e lamentavelmente, a menção à importância da obra que tem ocupado o foco de análise é inexistente, quer nas reflexões sobre a bibliografia que se propõe para o desenvolvimento da temática da sexualidade em ambiente escolar, quer nas listagens de referências bibliográficas sugeridas com vista a guiar o próprio estudo dos educadores/professores.

Pelos motivos anteriormente convocados, julgo que a reedição, e a subsequente divulgação, de uma versão portuguesa do livro *Sadân Fâr Man et Barn (How a Baby is Made)*, de Per Holm Knudsen, poderia fomentar o enriquecimento das propostas de leitura vocacionadas para o 1º CEB, já que o Ensino Pré-Escolar não foi contemplado pela legislação com uma abordagem precoce (?) à temática da sexualidade.

Não colocando de lado a ideia de que a concepção deste livro data de 1971, gostaria de referir, no entanto, que a noção de *família* apresentada é muito redutora, já que esta encontra apenas enquadramento no padrão social da heterossexualidade. A este propósito, mais questões poderiam ser levantadas no âmbito dos conteúdos mínimos para a área da educação sexual no 1º Ciclo em Portugal. Propõe a Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular¹³ que um dos conteúdos a ser trabalhado, entre o 1º e o 4º anos de escolaridade, seja precisamente «a noção de família», que tanta celeuma tem suscitado no cenário político-social português.

Referências Bibliográficas e digitais

- ▶ BAPTISTA, M.M. & LOPES, J.M. (2005). *Agostinho Salgado – Fotobiografia: Um luminoso silêncio*. Maia: Ver o Verso, Lda.
- ▶ BERTI, L. et al. (1979). *Leonardo da Vinci: Disegni anatomici dalla Biblioteca Reale di Windsor*. Firenze: Casa Editrice Giunti Barbèra.
- ▶ DINIZ, J.A.; ALBERGARIA, M. & GUERREIRO, C. (2007). *Relatório do Grupo de Trabalho de Educação Sexual – Subcomissão para Avaliação de Manuais*, in: http://www.minedu.pt/np3content/?newsId=298&fileName=relatorio_manuais_gtes.pdf (consultado a 25.10.2009).
- ▶ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (a). Circular nº1-DGIDC/2009/1176/NESASE (de 1 de Setembro de 2009). In: <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A/sitio.dgicd.min-edu.pt/saude/Paginas/default.aspx>. Despacho do Secretário de Estado da Educação, de 27 de Setembro de 2009.
- ▶ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (b). *Educação Sexual – Proposta de conteúdos mínimos* (15 de Setembro de 2009/documento policopiado).
- ▶ KNUDSEN, P.H. (1972) (1ª ed. – 1971). *Como Nascem os Bebés* (trad.: João Paulo Castelo Branco). Lisboa: Editorial Presença/Martins Fontes.
- ▶ KNUDSEN, P.H. (1973). *The True Story of How Babies Are Made*. Chicago, Illinois: Children's Press. ISBN-10: 0516036408.
- ▶ KNUDSEN, P.H. (1975). *How a Baby is Made*. London: Piccolo Picture Books.
- ▶ KNUDSEN, P.H. *Cómo Se Hacen los Niños en un Cuento*. In: <http://criarhoy.blogspot.com/2008/12/cmo-se-hacen-los-nios-en-un-cuento.html> (consultado a 05.10.2009).
- ▶ Lei nº 60/2009, de 6 de Agosto. In: <http://www.min-edu.pt/outerFrame.jsp?link=http%3A/sitio.dgicd.min-edu.pt/saude/Paginas/default.aspx>
- ▶ RAMOS, A.M. & LOPES, J.M. (2000). Imagens da leitura/leitura das imagens: A propósito de *A Ilha dos Pássaros Doidos* de Clara Pinto Correia. In: VIANA, F.L.; MARTINS, M. & COQUET, E. (coords.). *Actas do 2º Encontro Nacional de Investigadores em Leitura, Literatura Infantil e Ilustração*. Braga: Universidade do Minho – Centro de Estudos da Criança, pp. 121-144.
- ▶ *Vilnius resolution: Better schools through health 17 June 2009*. In: <http://www.schoolsforhealth.eu/> (consultado a 23.10.2009).

¹³ Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular (b), *Educação Sexual – Proposta de conteúdos mínimos* (15 de Setembro de 2009/documento policopiado), p.1.